



## Capitão América: ideologia e representação no discurso fílmico<sup>1</sup>

Josineide Alves da SILVA<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo (USP) – Faculdade de Educação (FE) – Campus Butantã -  
São Paulo

### Resumo

O presente texto, objetiva discutir o cinema enquanto indústria cultural ideológica interferindo na história pela construção de ideais nacionalistas, capitalistas e moralistas que supervaloriza uma nação e seu modelo de vida, em detrimento da outra, em especial a norte-americana. Para essa discussão, o referencial teórico volta-se para estudos sobre a cultura da mídia e seu impacto social, sobre o cinema enquanto indústria cultural ideológica, sobre o contexto histórico-social da criação do personagem Capitão América pela Timely Comics (atualmente Marvel Comics), e do período temporal de elaboração e do lançamento do produto cultural a ser analisado o filme *Capitão América: o primeiro vingador*, sob a direção de *Joe Johnston* (2011).

**Palavras Chave:** Cinema, Mídia, Indústria Cultural, Contexto histórico-social.

### 1. Introdução

O presente texto, objetiva discutir o cinema enquanto indústria cultural ideológica, interferindo na história pela construção de ideais nacionalistas, capitalistas e moralistas que supervaloriza uma nação e seu modelo de vida, em detrimento da outra, em especial a norte-americana. Nesta perspectiva, Pires & Silva (2014, p. 608), mencionam que o cinema é um “artefato cultural” que tem importância como “discurso que contribui para a construção de significados sociais”, pois “as imagens, como os textos são formas de representar e encobrir o mundo”. Assim, estes descrevem, criam sentidos, suprimem, integram, desdobram e restringem a realidade ao mesmo tempo. Ele também contribui para a consolidação do imaginário social contemporâneo, pois sua linguagem “produz um sentido narrativo de representações que mescla realidade e ficção sem muito distanciamento”. Ostermann (2006, p. 16) ressalta:

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Cinema, (DT 4 – Comunicação Audiovisual) do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Doutoranda em Educação na Universidade de São Paulo (USP). Professora de Educação Básica II (História), pela Secretaria de Educação Estadual de São Paulo. E-mail: [joalvesdasilva@gmail.com](mailto:joalvesdasilva@gmail.com).



Contemporaneamente, o cinema se afirma como técnica de registro ou fonte documental e como produção simbólica inserida em um campo de relação de produção, a indústria de representações, por meio do qual se podem conhecer os homens, as sociedades, as culturas e registrar o sentido histórico que esses assumem. E o imaginário.

Pires & Silva (2014, p. 610), ainda mencionam, que na atualidade o cinema “é um bem de consumo que deixa pistas das mudanças comportamentais socioculturais globalizadas”, faz parte uma indústria cultural que uniformiza valores, reconhece diferenças e interações entre o local e o global. Ele é agente de massificação do mundo moderno, sendo utilizado, muitas vezes, como instrumento político por alguns estadistas com objetivos diversos, que pode voltar-se para o controle, a alienação, a manutenção do *status quo* das classes sociais, a propaganda política partidária e outros.

Considerando um filme enquanto agente da história, Catelli Júnior (2009, p. 53) declara que: “quando percebeu que um filme não era apenas uma fonte de prazer estético ou de divertimento, o historiador passou a considerar o cinema como um agente transformador da história e também como registro histórico.” Assim, é importante o entendimento do pesquisador sobre o papel do cinema como veículo de informação de massa, contaminado de ideologias diversas, e também utilizado por muitos governos como propaganda política, dentre outras funções sociais. Pode estar, portanto, a serviço de diferentes setores sociais, influenciando as ideias e formando opinião sobre assuntos diversos e, conseqüentemente, interferindo no curso da história.

É principalmente como instrumento a serviço do poder que o filme tem sido um poderoso agente da história nos últimos cem anos. Com efeito, estadistas têm empregado tanto documentários como filmes de ficção como ferramentas de doutrinação ou de celebração do poder constituído. [...]. Em primeiro lugar, nenhum filme é neutro em relação à sociedade que o produziu; em segundo lugar, sendo exibido em outras nações, será o portador da transferência de valores e ideais; resumindo: ao se posicionar diante do quadro social que o gerou e ao ser exibido em outras nações, intervém na ordem social [...] o filme, seja de que gênero for, interfere na realidade, isto é, age na História. (ROCHA, 1993, p. 74 e 75).

O cinema, enquanto veículo de comunicação de massa se insere, conseqüentemente, na categoria de um dos elementos da vida cultural da sociedade, pois informa fatos, forma hábitos e influencia as ideias. Como foi afirmado acima, também é utilizado como instrumento de propaganda política; menciona Catelli Júnior (2009, p. 53):



“já com a Primeira Guerra Mundial, o cinema teve descoberto seu potencial propagandístico”.

Para Loureiro (2008, p. 136) o cinema é um “poderoso instrumento de hegemonia cultural que interfere na formação de valores, juízos e gostos”, sendo, portanto, transmissor de conhecimentos. Comenta também, sobre a hegemonia do cinema hollywoodiano no mercado mundial como fonte de expressão, de valores norte-americanos e de uma estética específica. Assim, apresenta um panorama histórico sobre as características estéticas do cinema hollywoodiano, sob uma teoria crítica, tendo como fundamento teórico o filósofo Theodor Adorno e sua discussão sobre indústria cultural. Nesta perspectiva, declara que o cinema influencia o desenvolvimento do conhecimento, a compreensão e o nível de consciência agindo no modo de pensar. Assim, se pronuncia Adorno (2002, p. 15 e 114), sobre a indústria cultural e o processo ideológico utilizado pela mesma.

O mundo inteiro é forçado a passar pelo crivo da indústria cultural. A velha experiência do espectador cinematográfico, para quem a rua lá de fora parece à continuação do espetáculo que acabou de ver – pois este quer precisamente reproduzir de modo exato o mundo percebido cotidianamente – tornou-se o critério de produção. [...] O crítico da ideologia que se ocupa da indústria cultural haverá de inclinar-se para a opinião de que - uma vez que os *Standards* são os mesmos dos velhos passatempos e de arte menor, congelados – ela domina e controla, de fato e totalmente, a consciência e a inconsciência daqueles aos quais se dirige e de cujo gosto ela procede, desde a era liberal.

Loureiro (2008, p. 140) declara que o domínio da indústria cultural norte-americana em seu território e demais países do mundo foi se consolidando desde o final da Primeira Guerra Mundial. Na década de 1930, o cinema como indústria se consolida sob o modelo triádico: a) um grande modo de produção dos filmes a exemplos dos estúdios atuais. b) a mitificação de atores e atrizes. c) o código regulador de mensagens veiculadas nos filmes. Durante a Segunda Guerra Mundial o cinema foi utilizado como propaganda de guerra, tanto pelos aliados como pelo eixo, e se consolida no mercado mundial como indústria cultural. Com o final da Segunda Guerra, o mundo fica polarizado entre capitalistas e socialistas, assim, o cinema estadunidense torna-se uma espécie de propagação e defesa dos ideais capitalistas, concedendo o sentido político ao cinema, uma espécie de doutrinação do público consumidor.

O referido autor ainda menciona que o domínio do cinema hollywoodiano no mercado cinematográfico mundial ocorre desde 1946, preza por uma estética com: linguagem publicitária modelo, o naturalismo ao procurar reproduzir, ou ser o “espelho da realidade” e o “discurso aparece como natureza”, prioriza como tendência o “imperativo categórico”, reflexo de seu poder e onipresença. O processo que envolve a sua produção passa pelas seguintes etapas: 1) realidade ficcional do final feliz. 2) reprodução do mundo sensível. 3) igualar o fenômeno que aparece na tela ao mundo real, contribuindo para o conformismo do espectador.

Neste sentido, o objeto de análise deste texto será um produto cultural da cinematografia norte-americana o filme *Capitão América: o primeiro vingador* (2011), sob a direção de *Joe Johnston* e escrito por Christopher Markus e Stephen McFeely, personagem surgido nas histórias em quadrinhos da Timely Comics, na atualidade Marvel Comics, nos Estados Unidos da América durante a Segunda Guerra Mundial, cuja primeira aparição ocorreu em 1941. As discussões estarão pautadas no discurso presente no texto fílmico e no contexto histórico-social do período de criação do personagem e da produção fílmica.

## **2. Descrição do filme**

O filme *Capitão América: o primeiro vingador* (2011) se inicia em meio a uma forte neve (Atlântico Norte) onde alguns soldados estão analisando um objeto desconhecido que estava soterrado, ao entrarem nesse objeto encontram o escudo do Capitão América, surpresos e eufóricos, pedem para ligar para o coronel, ação que remete o espectador ao momento que haviam encontrado o Capitão América desaparecido na batalha contra os nazistas no final da Segunda Guerra mundial, sendo encontrado congelado, mas com vida por ser um supersoldado.

Na cena seguinte, aparece outro grupo de soldados de uma divisão da Hydra (inteligência nazista/divisão da caveira vermelha, cujo líder se chama John Schmidt), invadindo um castelo na Noruega (1492) pela derrubada de sua porta com um tanque de guerra a procura do Tesseract (cubo cósmico), e o encontra na árvore mitológica desenhada na parede (guardião da sabedoria e do destino), esse cubo possuía poderes especiais e fazia parte da sala dos tesouros de “Ódin ou Pai de Todos” deus



principal da mitologia nórdica. O vilão Caveira vermelha e inimigo do Capitão América precisava desse objeto para desenvolver pesquisa e formas de dominação e destruição do mundo, começando pelos Estados Unidos da América.

A próxima cena ocorre já nos Estados Unidos no ano de 1942, onde se encontra o jovem Steve Rogers, (nascido em 1929, período da grande depressão econômica norte-americana, cuja estatura corporal apresenta semelhanças com o período de seu nascimento), este almeja entrar para o exército e participar da guerra, mas é reprovado por ter asma, baixo peso e estatura, mesmo, sob-reprova em quatro tentativas, ele continua acalentando esperanças de em algum momento conseguir.

Os ambientes que fazem parte do dia a dia de Rogers estão repletos de indicativos de recrutamento, no cinema antes do início do filme oficial para aquela sessão, este vê um filme de curta duração exaltando o patriotismo de jovens que se alistam, de outros em campos de batalha, uma espécie de propaganda governamental incentivando o alistamento, na feira de ciências tem cartazes com indicativos para o alistamento e até um boneco representando um soldado fardado onde podiam colocar o rosto e fotografar, por sua pequena estatura e saúde frágil sempre apanhava nas brigas e também não agradava as garotas.

Mesmo diante dessas complicações, Rogers continuava firme em seu objetivo, inclusive seu melhor amigo conseguiu alistamento, ao ser visto se despedindo de James B. Barnes (afirmando para seu amigo que não ganhasse a guerra antes de sua chegada) pelo cientista alemão doutor Erskine, que pertencia à reserva técnica científica norte-americana, este fica curioso com a situação, assim na quinta tentativa de Rogers, Abraham Erskine pega seu prontuário e se impressiona com a quantidade das participações em alistamentos, em lugares diferentes, o doutor passa a questioná-lo afirmando: “você quer matar nazistas?”, Rogers afirma: “não quero matar ninguém, mas odeio tiranos”, assim, acaba sendo aceito por sua insistência e coragem, demonstrado nos testes militares tradicionais concedidos aos soldados pelo exército.

Rogers se torna a cobaia de Abraham Erskine como tentativa de melhora cientificamente de sua estrutura física e torná-lo um supersoldado, (um projeto identificado como Renascimento: com a finalidade de formar super-humanos, assim



recebeu o soro do supersoldado e Raios Vita), Erskine obteve sucesso em seu experimento e Rogers sai da máquina, totalmente transformado: altura, peso, musculatura, resistência, enfim alteração genética total (menos em sua personalidade), e poderes especiais.

Ao final da operação, Abraham Erskine é morto por um espião da Hidra infiltrado no exercito americano, ele foge, mas é encontrado por Rogers. Nessa ação foi fotografado e virou capa do jornal local, pela sua repercussão na mídia, passou a ser utilizado como símbolo político de combate aos nazistas em apresentações como Capitão América em todo o país. Descontente com sua atuação, pois seu objetivo era estar em campo de batalha e não em show de cunho político, a ponto de se desenhar como um macaco uniformizado nos palcos.

Ao tomar conhecimento da perda de soldados da divisão na qual estava fazendo uma apresentação e que tantos outros eram prisioneiros, este resolveu fazer um regate por conta própria, sendo conduzido até próximo à zona de guerra por dois agentes (Carter e Stark) a fim de resgatar os soldados inclusive seu amigo Barnes, ação que obteve sucesso trazendo os soldados que estavam prisioneiros e destruindo as bases daquele campo de batalha da hidra, pertencentes à força nazista, além de entrar em um confronto com o Cabeça Vermelha e descobrir seu plano de atuação esboçado em um mapa mundi pendurado na parede. Quando retorna a base da divisão com os soldados libertos, armas potentes retirada do inimigo e sabendo seu plano de ação recebe aplausos dos demais soldados, sendo reconhecido por sua ação heroica pelos mesmos soldados que zombaram de sua apresentação no palco.

A partir dessa ação, o Capitão América passa a liderar a divisão, elabora um plano de ataque sendo apoiado pela base e inteligência do exército e forma uma equipe de soldados para destruir o Caveira Vermelha e acabar com seu plano de ataque aos Estados Unidos e ao mundo. A primeira tentativa não é bem sucedida, pela força militar da Hidra e as ambições do Caveira Vermelha, nesse combate morre Barnes, amigo pessoal do Capitão América que sente essa perda. Nessa ação, conseguem capturar o agente de inteligência da base do Caveira Vermelha (Dr. Arnim Zola).



De volta as bases da divisão militar norte-americana o Capitão América planeja um a nova forma de ataque e tem algumas informações sigilosas sobre os planos do inimigo, assim coloca seu plano em ação, a batalha se trava, o vilão é destruído, mas o plano de ação do Caveira Vermelha já estava em curso com um foguete destinado a explodir New York, o Capitão América toma o controle da foguete e em seguida a aeronave, temendo ser morto em ação, comunica-se com a base, e despede-se de uma das agentes da inteligência militar americana (Peggy Carter), por quem havia se apaixonado, essa afirma que vão lhe “conceder ajuda”, ele menciona que “não dará tempo” e que está é “sua decisão”, mesmo assim, marcam um encontro, a voz dele desaparece no sistema, ela o chama, mas não obtêm resposta, assim começa a chorar. Na sequência aparece em meio à neve às marcas da aeronave em que o Capitão se encontrava a parte da frente está soterrada na neve até que é aterrada totalmente e alguns destroços se espalham pelo caminho.

Na cena seguinte surgem aviões de caça do exército americano no céu de New York, aparece à sede do governo e muitas pessoas com a bandeira norte-americana, sorrindo, se abraçando e comemorando o final da guerra que se anuncia em um jornal em 1945, cuja notícia principal é: “o dia da vitória”. Em seguida, aparecem os soldados que faziam parte da divisão do Capitão América fazendo um brinde em sua homenagem, outros estão em busca dele pelo mar, pois havia afirmado que tentaria um pouso nele, encontram o Tesseract e continuaram as buscas pelo Capitão, enquanto a agente Carter recebe o prontuário de Rogers que é dado como inativo e um grupo de crianças brinca na rua com uma tampa de latão semelhante ao escudo do Capitão América.

A próxima cena apresenta um jogo de beisebol, sendo narrado no rádio em um quarto simples da cidade de New York, nele, o Capitão América desperta de um possível coma, este olha para os lados e fica intrigado onde possa estar, uma agente entra no quarto e este pergunta que lugar era aquele, ela responde o local exato, ele não acredita, pois afirma que aquele jogo era de 1941 e que ele havia visto o jogo, ela aciona o sinal de alerta, dois soldados entra no quarto, ele os derruba e a parede também, sai correndo, derrubando quem encontra pela frente e avança pela avenida principal da cidade sem saber para onde ir ao contemplar o novo cenário, enquanto observa é



cercado por vários carros e um dos agentes (Fury) pede desculpas pela encenação e afirma que o plano era contar o que havia ocorrido aos poucos, assim, declara: “você dormiu por quase setenta anos” e o indaga se ele iria ficar bem, ele responde que tinha um encontro.

Os créditos finais do filme apresentam uma imagem clássica de convocação para a guerra, a participação das mulheres nas fábricas, uma música que se assemelha a uma marcha militar, imagens de soldados, aviões, outras armas de guerra, as cores da bandeira norte-americana, os nomes dos idealizadores do filme: direção, roteiro, atores e os Studios produtores e distribuidores: a Paramount Entertainment e a Marvel Comics.

### 3. Análise do filme

Kellner, em seus estudos sobre a cultura da mídia, faz reflexões sobre procedimentos para uma leitura da cultura por ela produzida, afirmando que esta requer identificação de algumas questões em específico:

[...] ler politicamente a cultura da mídia significa situá-la em sua conjuntura histórica e analisar o modo como seus códigos genéricos, a posição dos observadores, suas imagens dominantes, seus discursos e seus elementos estéticos formais que incorporam certas posições políticas e ideológicas e produzem efeitos políticos. [...] até hoje, a cultura da mídia em geral tem sido um campo de batalha entre grupos sociais em competição: algumas de suas produções defendem posições liberais ou radicais enquanto outras defendem posições conservadoras. [...] essas lutas heterogêneas se consomem nas telas e nos textos da cultura da mídia e constituem o terreno apropriado para um estudo crítico da cultura da mídia. [...] Em filmes a ideologia é transmitida por imagens, figuras, cenas, códigos genéricos e pela narrativa como um todo. (2001, p. 76 - 79 e 93).

A criação do personagem Capitão América e seu surgimento na história em quadrinhos ocorreram no período da Segunda Guerra mundial, sendo este acontecimento histórico o desfecho do enredo fílmico dentro de um contexto ficcional. Um filme de ação e aventura (leve toque de comédia e de romance) que apresenta um discurso político ideológico de defesa aos ideais patrióticos, de exaltação militar, do desenvolvimento científico e da supremacia política e econômica norte-americana, sendo colocada como referência para os demais povos do mundo. Fatos que se configuram na atuação do personagem, pois mesmo com habilidades de um super-humano e liderança, sua moral e ética não se alteram, permanece: “sincero, correto e esforçado”, exalando seu patriotismo na personalidade, nas ações e na vestimenta.





Levando o espectador a identificar essa prática como sendo a procedência da ação governamental norte-americana, contudo a história relata que nas relações políticas, há sempre defesas de interesses que podem se modificar em diferentes circunstâncias. Nesta perspectiva, Apolinário (2007, p. 241), declara:

O grupo Talibã, armado pelos Estados Unidos na luta contra a União Soviética nos anos de 1980, tornou-se, no século XXI, um dos principais inimigos dos Estados Unidos na sua “cruzada” contra o terror. O mesmo aconteceu com Saddam Hussein, do Iraque, que na guerra contra o Irã recebeu ajuda financeira, e militar dos Estados Unidos e da União Soviética.

A Segunda Guerra Mundial, um acontecimento histórico definido por Nunes e Bertello (2004, p. 240) nos seguintes termos: “em 1º de setembro de 1939, os exércitos de Hitler cruzavam as fronteiras da Polônia. Desta feita, a França e a Grã-Bretanha reagiram declarando guerra à Alemanha: tinha início a Segunda Guerra Mundial”. Iniciado em 1939, esse conflito se estendeu até o ano de 1945, envolvendo vários países, disputas e interesses como: os motivos geradores do conflito; as questões nazistas e fascistas; o domínio japonês na Ásia; as alianças entre países; o holocausto; a batalha do Stalingrado; o Dia D; a queda do eixo Roma-Berlim-Tóquio e a bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki. Boulos (2009, p. 109 e 110) narra os eventos finais deste conflito mundial, conforme o texto exposto na sequência:

Em 30 de abril, diante da derrota iminente, Hitler e Eva Braun com quem ele havia se casado quatro dias antes, suicidaram-se. Em 8 de maio de 1945, os alemães assinavam sua rendição incondicional. Era o fim da guerra na Europa. [...] o Japão continuava resistindo ao avanço norte-americano das mais variadas formas. Uma delas assombrou o mundo: seus pilotos suicidas - os **camicases** - atiravam-se sobre os navios americanos em aviões carregados de explosivos. Com o objetivo de apressar a rendição japonesa e demonstrar ao mundo seu enorme poderio bélico, os Estados Unidos lançaram duas bombas atômicas sobre o Japão: a primeira em Hiroshima (6 de agosto) e a segunda em Nagasaki (9 de agosto). Os sobreviventes da explosão atômica tiveram de suportar os terríveis efeitos da radiação nuclear: queda de cabelo, queimaduras, leucemia e vários tipos de câncer, principalmente de pele. Em 2 de setembro de 1945, o Japão assinou a rendição incondicional. Era o fim da Segunda Guerra no Extremo Oriente.

Apolinário (2007, p. 125 e 168) relata que, com o término da Segunda Guerra Mundial, o mundo ficou dominado por alianças políticas entre países de interesses comuns, como os Estados Unidos e seus aliados e a União Soviética e seus aliados.

Sobre os escombros da velha Europa, nasce um mundo dividido: de um lado, os países socialistas, subordinados a União Soviética; de outro, os países do bloco capitalista, liderados pelos Estados Unidos. [...] De 1945 a 1991, o mundo tornou-se bipolar, dividido entre o bloco capitalista e o socialista. A crescente tensão entre eles e suas implicações no mundo caracterizaram a Guerra Fria.

Este é o contexto de surgimento do personagem em análise, o Capitão América e seu combate aos inimigos da nação norte-americana. No contexto do filme em análise, o personagem Caveira Vermelha é inimigo do Capitão América, ou seja, ele é inimigo da nação norte-americana e representa o nazismo alemão, pois o filme se fundamenta no período da Segunda Guerra Mundial e de regimes totalitários como o nazismo. Apolinário (2007, p. 171) ainda, menciona:

O cinema foi o meio mais utilizado como propaganda ideológica durante a Guerra Fria. Os bens de consumo, os super-heróis e os líderes norte-americanos eram mostrados como os símbolos do bem e da moralidade superior norte-americana. Os Estados Unidos por meio de intensa campanha anticomunista da luta do bem contra o mal produziram também história em quadrinhos, desenhos animados e seriados de televisão, explorando a oposição entre a liberdade, representada pelo American way of life, e opressão, representada pelo dirigismo estatal soviético.

Nesta perspectiva, o cinema norte-americano foi um instrumento ideológico utilizado como construtor de estrutura social, modelo de vida fundamentado nos ideais capitalistas em contraste aos socialistas. Leite (2003, p. 8) argumenta: “sobre o poder de manipulação da realidade que o cinema acumula desde o momento que passou a ser utilizado como instrumento de propagação das ideias, de valores e de diferentes visões de mundo”. O autor, ainda ressalta:

A cultura contemporânea é dominada pela mídia e, conseqüentemente, como os meios de comunicação e de entretenimento são fontes de uma nova pedagogia cultural, na medida em que contribuem para nos ensinar como nos comportar, o que pensar; o que sentir; em quem acreditar; o que temer e o que desejar. [...] Um filme, quando utilizado para atingir objetivos manipulatórios, não é apenas ilustração, mas ajuda a tecer os longos e, por vezes embaraçados fios que tecem a história contemporânea.

Os argumentos expostos acima, por Leite, destacam a influência do cinema como uma mídia portadora de informações que, ao se utilizar de objetivos manipulatórios, acaba interferindo na História. Cabe mencionar, também, que o cinema norte-americano manipula os espectadores, ao recriar suas batalhas e distorce os motivos de sua participação na Segunda Guerra Mundial quando não cita os ataques a



Hiroshima e Nagasaki por exemplo. Este, ainda, reforça, por meio de produções cinematográficas, seus valores e ideais, enquanto nação tida como referência. Fato evidenciado, no texto a seguir:

A experiência liberal, isto é, a norte-americana, pode ser vislumbrada, com mais nitidez, através de “fábrica de sonhos”. A indústria cinematográfica de Hollywood reunia todas as condições para que o cinema se convertesse em instrumento de propaganda dos ideais e dos valores norte-americanos. No final da década de 1930, a supremacia da indústria cinematográfica norte-americana era absoluta – Hollywood produzia mais filmes que todas as demais indústrias cinematográficas do mundo reunidas. [...] Numa perspectiva, mais ampla, pode-se dizer que o *Studio system* marcou o fim do cinema artesanal e o início da internacionalização do filme. Nesse complexo processo o poder de difusão da visão de mundo norte-americana começou a atingir seu auge. (LEITE, 2003, p. 34 – 36).

O contexto histórico-social dos Estados Unidos da América no período de produção do filme *Capitão América: o primeiro vingador*, cujo lançamento ocorreu no ano de 2011 (Julho), volta-se para uma América enfraquecida interna e externamente pelo atentado terrorista islâmico (Al Qaeda) sofrido em setembro de 2001, contra alguns símbolos do poder norte-americano: o centro comercial World Trade Center de 110 andares em Nova York (economia), vitimando muitas pessoas. O Pentágono (militar) e a Casa Branca, sede do governo (política) não atingindo esse alvo. Fatos que segundo Alves & Oliveira (2013, p. 257), “desencadeou um grande sentimento de medo na sociedade norte-americana” sendo estimulado pelo “sensacionalismo dos meios de comunicação”, que resultou em investimentos e envolvimento em guerras de revanchismo pelo governo de George W. Bush (Partido Republicano) e sua ofensiva militar identificada ideologicamente como “Guerra contra o terror” no Afeganistão (2001) e no Iraque (2003), não respaldadas pela ONU ou leis internacionais de regulamentação para a guerra. Bernstein & Milza (2007, p. 202 - 204) declaram:

A partir do 11 de setembro, os norte-americanos concluíram que sua vida havia se transformado definitivamente. [...] Os dirigentes anunciam que a guerra ao terrorismo irá se estender por muitos anos e que uma grave ameaça paira sobre os Estados Unidos, pois os terroristas podem atacar de muitas maneiras e empregar métodos bastante variados, inclusive armas químicas e biológicas. [...] A nova situação de perigo que paira sobre os norte-americanos os leva a exigir uma proteção redobrada das autoridades federais. Enquanto, até então, o que mais os motivava era a sede de liberdade, eles agora aceitam que sofram restrições para que possam se sentir mais seguros. [...] Assiste-se a um consenso patriótico, e a mídia se envolve no esforço de guerra. Estabelece-se, assim, um novo equilíbrio entre a liberdade e a segurança, revelador da fragilidade que tomou conta da sociedade norte-americana após o 11 de setembro.

Outro fato de grande importância sobre a realidade histórico-social da nação norte-americana e sua imagem ofuscada interna e externamente como potência econômica mundial, foi à crise econômica em 2008, desequilibrando o mercado econômico no mundo e suas relações globalizadas. Nesse sentido, Davi Silber, professor do departamento de economia da Universidade de São Paulo (USP), em entrevista a revista Nova Escola em maio de 2009, relata sobre a crise econômica norte-americana e suas consequências no Brasil.

A causa da crise que vivemos foi o desequilíbrio na maior economia do mundo, os Estados Unidos. E os ataques de 11 de setembro têm a ver com isso. “Depois da ofensiva terrorista, o governo americano se envolveu em duas grandes guerras, no Iraque e no Afeganistão, e começou a gastar mais do que deveria”. Para piorar a situação, ao mesmo tempo em que o país investia dinheiro na guerra, a economia interna já não ia muito bem - uma das razões é que os Estados Unidos estavam importando mais do que exportando. Em vez de conter os gastos, os americanos receberam ajuda de países como China e Inglaterra. Com o dinheiro injetado pelo exterior, os bancos passaram a oferecer mais crédito, inclusive a clientes considerados de risco. [...] “A expansão do crédito financeiro a bolha imobiliária, já que a grande procura elevou o preço dos imóveis”, Porém, depois disso, chegou uma hora em que a taxa de juros começou a subir, diminuindo a procura pelos imóveis e derrubando os preços. Com isso, começou a inadimplência. [...] Nesse momento, faltou dinheiro aos bancos, que em um primeiro momento foram ajudados pelo governo americano. [...] Frente à pressão política, a Casa Branca decidiu que não ia mais interferir, deixando o banco Lehman Brothers quebrar. O fechamento do quarto maior banco de crédito dos Estados Unidos causou pânico e travou o crédito. Chegou à crise, que prejudica também o nosso país.

Nesse cenário, com uma imagem desfigurada perante o mundo, os Estados Unidos da América potência econômica mundial (desde o final da Primeira Guerra Mundial) utiliza sua importante indústria de representação, o cinema, e lança o filme em análise, que enaltece por meio de seu personagem principal as cores da bandeira norte-americana (patriotismo), este, também se abdicou da vida pessoal em detrimento de seu país, é um de seus heróis (História em Quadrinhos), sob o título de Capitão, aquele que lidera/supera/resolve questões das mais diversas e difíceis, fato que fica evidente no discurso fílmico em especial na cena final, quando o Capitão América sai do possível coma que entrou no final da Segunda Guerra Mundial em combate com o seu inimigo o Caveira Vermelha, “salvando o mundo dos males nazistas, finalizando a guerra”, e acorda em 2011 sendo informado que havia dormido por quase 70 anos, mas agora estava de volta, levando o espectador a entender que a América precisa de sua força, de seu combate e de sua vitória sempre.

Enquanto os Estados Unidos seguia prosperando em suas diferentes instancias, o Capitão repousava, mas sua volta em tempos de crise se faz necessária, para vingar suas perdas, eliminar seu ofensor e seus possíveis apoiadores, como fez Bush em sua “Guerra contra o terror” e Obama mantendo as tropas no Iraque até dezembro de 2011, mesmo sabendo que não havia armas químicas com grande poder de destruição como se justificava a invasão, e permanece com a tática militar de caça a Osama Bin Laden.

É importante destacar ainda, o sentido que próprio título do filme sugere ao colocar esse personagem (seu herói) como o primeiro vingador, sendo legitimado pelas práticas governamentais de George W. Bush, que após os ataques de 11 de setembro, conforme Alves & Oliveira (2013, p. 257) foi apoiado pelos setores mais conservadores da sociedade norte-americana e o Exército na defesa de “uma política externa mais agressiva para mostrar ao mundo a supremacia política, econômica e militar”. Sendo assim, Bush, colocou como prioridade de governo o combate ao terrorismo criando o Patriot Act (um pacote de medidas de segurança), que: “aumentou a vigilância em portos, aeroportos e locais públicos” também concedeu “o direito de violar correspondências, conversas telefônicas e e-mails sem autorização judicial” e ainda com permissão “para prender e interrogar suspeitos de terrorismo sem o devido processo judicial”.

No ano de 2011 (Maio), alguns meses antes do lançamento do filme o atual governo dos Estados Unidos Barack Obama (Partido Democrata) anuncia a morte de Osama Bin Laden (mentor dos ataques de 11 de setembro de 2001) por meio de uma operação militar na cidade de Abbotad no Paquistão, confirmando a permanência da ação militar iniciada por Bush e o tratamento concedido aos inimigos dos Estados Unidos, também já havia feito um programa de medidas para recuperar a crise econômica herdada do governo anterior ao assumir o governo estadunidense em 2009. Essas ações evidenciam seu poderio perante o mundo e a tentativa de recuperação da imagem ofuscada da nação norte-americana, reforçando através de sua indústria de representação, seus ideais de supervalorização nacionalista e modelo para o mundo, através do produto cultural de sua cinematografia o filme *Capitão América: o primeiro vingador* (2011).

Passemos, pois, para a análise da estética utilizada na elaboração do filme. A estrutura da narrativa é circular, pois a primeira cena começa no presente com o encontro da aeronave descoberta em meio à neve e dentro dela o escudo do Capitão América, as demais cenas retomam a história do personagem até 1945, quando em disputa com o Caveira Vermelha toma o controle da aeronave que estava destinada a destruir New York, e faz um pouso forçado na neve onde fica até ser encontrado. No final do filme há um retorno para o presente, fechando o círculo da narrativa com o Capitão América despertando do possível coma que se encontrava e identificando meio assustado sua nova realidade.

A narração é em terceira pessoa, pois o narrador não participa da história, mas tem conhecimento sobre todo o universo da ficção. O tempo da narrativa ocorre no presente (2011), e no passado (1941 - 1945) período da Segunda Guerra Mundial e da expansão do Regime Nazista Alemão. O ambiente social é realista, sendo filmado em cidades dos Estados Unidos e da Inglaterra, também conta com efeitos especiais computadorizados (inclusive na caracterização do personagem Capitão América).

A linguagem cinematográfica volta-se para os diferentes planos que vão desde o geral absoluto mostrando todo ambiente e personagens envolvidos nas diferentes cenas, até o close up, onde a câmera procura focar o rosto dos personagens como tentativa de expressar os sentimentos que a história narrado sugere, sendo filmado em 2D. As cores predominantes na narrativa são o branco, o azul e o vermelho da bandeira norte-americana (patriotismo/nacionalismo), em segundo plano os tons marrom claro presente nos uniformes do exército americano, o preto nas vestimentas do Caveira Vermelha e seus soldados (que inclusive não deixam aparecer o rosto como se não possuíssem identidade e representam o mal/vilões) e o fogo presentes nas batalhas.

A trilha sonora apresenta vinte e seis músicas instrumentais que estão relacionadas à guerra, a marcha e expressam um sentido de calma, de pesar, de ação e de aventura, temas presentes na narrativa, sob a autoria de Alan Silvéster, Alan Menken e David Zippel. As fotografias do filme evidenciam as cores, o cenário, os figurinos e as expressões, levando o espectador a uma possível leitura do filme, ao passar pelo estado de contemplação inicial para as primeiras relações interpretativas



do enredo, até o momento da compreensão da totalidade das discussões presentes na narrativa.

#### 4. Considerações finais

Portanto, podemos concluir que o cinema norte-americano trabalha com uma representação de seu contexto histórico-social no cinema. Para Aranha & Martins (2009, p. 57), a palavra *representação* significa “o que está presente no espírito, ou seja, o conteúdo concreto de um ato do pensamento”. De acordo com a definição apresentada pelas autoras, à representação expressa um conteúdo, uma mensagem, uma informação, algo pensado, organizado e com objetivos pré-determinados para se atingirem os resultados almejados.

Conforme Certeau (2008, p. 239 e 342), o processo que envolve a representação social é destacado como “a maquinaria”, ou seja, o processo pelas formas com que a mesma se apresenta (construção); nesta perspectiva, o autor relata que “duas operações principais caracterizam as suas intervenções. Uma visa tirar do corpo um elemento demais, enfermo ou inestético, ou então acrescentar ao corpo o que lhe falta”. Assim, para Certeau, a representação social passa por um mecanismo de elaboração que consiste na inclusão, retirada ou substituição de instrumentos, conforme a ação efetuada ocorra em excessos ou déficits, assegurando, assim, a credibilidade ao discurso e as suas intervenções, sendo colocada como “relato do real”, uma “unidade de sentido” e/ou “uma identidade”. Assim, cabe questionarmos como vemos e lemos o mundo e suas representações para identificarmos as estratégias utilizadas pela mídia como declara Kellner (2001, p. 9):

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana dominando o tempo de lazer, modelando suas opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós e eles”, ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bem ou mal, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens cultivadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a construir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje.



Nessa perspectiva, fica evidente a ação das mídias na sociedade contemporânea enquanto cultura de massa, que possibilita a interação entre povos de diferentes localidades, apresenta traços de dominação, perpetua relações de poder e algumas formas de resistência. Portanto, para Pelegrini (2005, p. 125), as imagens cinematográficas fazem parte de uma das formas de “manifestação das percepções humanas, inseridas no âmbito de práticas e representações culturais, políticas e ideológicas de seu tempo”. Questões, estas, presentes no produto cultural analisado.

### **Referências**

- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ALVES, Alexandre. & OLIVEIRA, **Letícia Fagundes**. **Conexões com a História: da expansão imperialista aos dias atuais**. São Paulo: Moderna 2ªed. v. 3. 2013.
- APOLINÁRIO, Maria Raquel. **Projeto Araribá – História**. São Paulo: Moderna 2ªed. 9º ano. 2007.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna 4ª ed. 2009.
- BERNSTEIN, Serge. & MILZA, Pierre. **História do século XX: de 1974 aos dias atuais – a caminho da globalização e do século XXI**. São Paulo: Nacional, 2007.
- BORDWELL, David & THOMPSON, Kristin. **A Arte do Cinema: uma introdução**. São Paulo: Unicamp, 2013.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: sociedade & cidadania**. São Paulo: FTD, 9º ano. 2009.
- CATELLI JUNIOR, Roberto. **Temas e Linguagens da História: ferramentas para a sala de aula do ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.





KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Tradução Ivone Castilho Beneditti. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

LEITE, Sidney. **O Cinema Manipula a Realidade?** São Paulo: Paulus, 2003.

LOUREIRO, Robson. **Educação, Cinema e Estética: elementos para uma reeducação do olhar.** Revista Educação & Realidade. Jan/jun. 2008. Nº33. p. 135 – 154.

NUNES, Antônio Carlos & BERTELLO, Maria Augusta. **Palavra em Ação – História.** Uberlândia – MG: Claranto, 2ª ed. 2004.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **As Dimensões da Imagem: abordagens teóricas e metodológicas.** Maringá: Eduem, 2005. p. 123 – 154.

PIRES, Maria da C. F. & SILVA, Sergio L. P. **O Cinema, A Educação e a Construção de um Imaginário Social Contemporâneo.** Revista Educação & Sociedade. Abr/jun. 2014. nº 35. p. 607 - 616.

ROCHA, Antônio Penalves. **O Filme Um Recurso Didático no Ensino de História?** In: **Lições Com o Cinema.** São Paulo: FDE, 1993.

OSTERMANN, Nilse Wink. **Filmes Contam História.** Porto Alegre-RS: Movimento, 2006.

SILBER, Davi. **O que causou a crise econômica mundial entre 2008 e 2009?** <http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/causou-crise-economica-mundial-470382.shtml>. Acesso em: 24/05/16.

### **Filmografia**

*CAPITÃO AMÉRICA: o primeiro vingador.* Direção: *Joe Johnston*, EUA: Paramount Pictures e Marvel Entertainment, 2011.1 DVD (124 min.).